

## RAIZES E PONTES NO FORTALECIMENTO DO SUS

 Anya Pimentel Gomes Fernandes Vieira Meyer<sup>1</sup>

Os últimos anos foram marcados pela descrença na ciência, pelo discurso do ódio, homofobia, intolerância, assim como pela desvalorização de profissionais da saúde e do Sistema Único de Saúde. Na esteira deste processo, acompanhamos uma certa desorganização da Atenção Primária à Saúde (APS), estruturada em nosso país pela Estratégia Saúde da Família (ESF). Mudanças na forma de financiamento da APS, com a instauração do Previner Brasil, que induz uma atenção seletiva ao utilizar indicadores limitados para o repasse de recursos, a desobrigação do Núcleo de Apoio ao Saúde da Família (NASF) e dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) nas equipes da ESF enfraqueceram ainda mais uma política continuamente subfinanciada e subvalorizada.

A pandemia Covid-19, causada pelo vírus SARS-COV-2, e o violência comunitária também são estressores agudo e crônico do sistema de saúde, colocando a prova a capacidade de resiliência do mesmo. Infelizmente o Brasil encontra-se na 2ª posição entre os países mais afetados pela Covid-19. Foram mais de 35 milhões e casos e 690 mil mortes apenas no primeiro ano da pandemia. O Nordeste brasileiro teve proporcionalmente mais mortes que outras regiões do país e o Estado do Ceará foi o segundo em casos e mortes por Covid-19 na região (mais de 1 milhão e 400 mil casos e 28 mil mortes até 2022). Quanto a violência, sabemos que esta ameaça a vida, compromete a saúde e limita o acesso aos cuidados de saúde, permeando tanto o cotidiano das famílias, quanto o processo de trabalho dos profissionais da saúde. Infelizmente, o Nordeste mais uma vez se destaca, sendo que seis de suas capitais estão entre os 30 municípios mais violentos do mundo, e Fortaleza, capital alencarina, encontra-se em sétimo lugar nesta lastimável lista produzida pela organização não governamental mexicana **Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal**.

Estes estressores crônico e agudo acabam por afetar a capacidade do sistema de saúde de responder as necessidades de saúde da população, ou seja, afetam a resiliência do sistema e afetam, direta e indiretamente, os indicadores de saúde da comunidade. Desta forma, é importante que possamos, através da geração e disseminação de conhecimento, fortalecer o sistema de saúde. As características ímpares dos diversos cenários exigem que trabalhos sejam desenvolvidos em diferentes ambientes locais e regionais e em várias temáticas importantes para o SUS.

É necessário que processos de fortalecimento do sistema de saúde sejam instaurados em várias frentes para que possamos qualificar a saúde da população. Neste enfoque, torna-se relevante o desenvolvimento de pesquisa e de processos que envolvam a população. O movimento atual das conferências de saúde que estão sendo desenvolvidos em nosso país. A participação popular, a discussão de temas relevantes para a população e para o SUS e o envolvimento de usuários, gestores e profissionais de saúde neste processo são essenciais para a contínua qualificação da atenção à saúde.

Há algumas semanas, durante audiência papal, o pontífice Francisco falou sobre as raízes e as pontes em nossas vidas. As raízes simbolizando nossas origens, valores, bases familiares que nos ajudam a enxergar o mundo e ser quem somos, e as pontes simbolizavam as conexões que fazemos durante a vida, construindo ligações com o que é diverso, com outras fontes que nos ajudam a ampliar a visão que temos do mundo. Fazendo um paralelo com a geração de conhecimento e com o lócus onde esta ocorre, podemos considerar que nossas raízes são nosso cotidiano, nosso labor e o conhecimento que geramos empiricamente ao interagirmos com os pares e com aqueles da comunidade que pertencemos, é também daí que tiramos, na maioria das vezes, as perguntas que queremos responder através da geração de conhecimento/desenvolvimento de pesquisas/estudos. As pontes podem ser interpretadas como as conexões

<sup>1</sup> Fundação Oswaldo Cruz. Fortaleza, CE - Brasil. 

que perpetramos com o conhecimento gerado em outras realidades (mas que se conectam com a nossa), com pesquisadores e fontes de conhecimento que nos apoiam na visão mais ampla da ciência e na tomada de decisões – ampliam nossos horizontes e possibilitam trocas de conhecimento e qualificação de nosso labor.

Pois bem, nos reinventamos ciclicamente para enfrentar as diversidades e para fortalecer e qualificar a cada dia os processos de trabalho, que ressonam na saúde da população brasileira. Muitas vezes é necessário sair da “caixinha”, criando pontes sem esquecer nossas raízes. Neste contexto, o presente número da revista Cadernos ESP nos convida a passearmos por estudos que ora nos remetem as raízes do SUS, as bases do sistema e a geração de conhecimento relacionada as atividades cotidianas, e ora nos vislumbram pontes para a diversidade de caminhos e conhecimentos que abrem nosso olhar para um sistema mais inclusivo, diverso e acolhedor. Os temas vão de perfil clínico e nutricional do paciente com diabetes e conhecimento da população sobre a APS, a utilização de plantas medicinais, *chatbot*, led azul e rede de atenção a vítimas de violência na promoção da saúde e cuidado da saúde da população. Ainda navegamos na saúde bucal, na atenção psicossocial, na enfermagem, nos cuidados oncológicos, na temática do HIV/Aids, entre outros. Assim, desejamos uma leitura prazerosa e elucidadora, que instigue um repensar de práticas e uma reflexão sobre as raízes e pontes de nosso labor. Boa leitura!